

Lucian Chaussard

música discreta



EDIÇÃO DO AUTOR

música discreta

*“Há vinte anos não digo a palavra
que sempre espero de mim
Ficarei indefinidamente contemplando
meu retrato eu morto”*

João Cabral de Melo Neto

1.

Era uma manhã abafada de verão. Quase todas as pessoas estavam reunidas em suas casas de praia para comemorar as festas de fim de ano e por isso não havia movimento na delegacia do bairro. Boa parte da equipe estava ausente e cabia ao escrivão Elias fazer o plantão, junto com um investigador veterano que dormia no depósito porque tinha virado a madrugada. Já o papiloscopista estava de férias e o delegado prometeu chegar só mais tarde. Na TV, colocada no mudo, passava uma reportagem mostrando o movimento das praias, das festas nas casas noturnas e do comércio de rua aquecido pelos turistas. O ar condicionado da delegacia estava estragado e o calor trazia um sentimento de desilusão. Mais um ano terminava e Elias se perguntava se era realmente isso que queria para sua vida.

Ele se sentia um pouco irritado também, porque foi incumbido de uma tarefa que, segundo julgava, não devia ser sua responsabilidade, mas como era o mais jovem da turma acabou tendo que assumir. Ele deveria produzir conteúdo para as redes sociais da Polícia Civil, com o objetivo de promover transparência e melhorar a imagem da instituição, tarefa que considerava inútil e que só serviria para alavancar a carreira de um diretor com pretensões políticas.

Distraído por estar mexendo no celular, ele não ouviu que alguém tinha entrado. Foi só quando ela se aproximou de sua mesa, dizendo que queria falar com o delegado, que ele percebeu sua presença. Elias disse que o delegado não se encontrava e que ele estava a disposição para atendê-la. Notou que ela segurava com força um terço na mão esquerda. Ela se sentou e disse que gostaria de prestar um depoimento, que precisaria de tempo para se explicar e

que gostaria da compreensão e da paciência dele.

Apático por considerar que iria lavrar o boletim de ocorrência de um delito menor, Elias abriu o programa no computador e começou a fazer as perguntas de praxe.

Seu nome era Thaís dos Santos, tinha 26 anos, moradora de uma comunidade da região central. Os outros campos do formulário ela respondeu de maneira vaga. Depois de se ajeitar na cadeira, Thaís disse que tudo tinha começado alguns meses atrás e se lembrava de cada detalhe. Ela recebera a ligação do dono de um mercadinho do bairro dizendo que havia um senhor que estava precisando de alguém que fizesse faxina. Como estava num período com pouco trabalho, aceitou na hora, só não entendeu por que esse senhor não entrara em contato diretamente com ela, que anotou o endereço no papel e guardou na bolsa.

Por sorte, a casa ficava em uma rua perto de onde ela morava e por isso não precisaria pegar ônibus. Quando chegou, ficou em dúvida se era ali mesmo. O que havia na frente dela era uma casa muito antiga que parecia abandonada. Era uma construção de dois andares, mas não muito grande, de um branco encardido que não via pintura há muito tempo, tinha algumas janelas quebradas, uma pequena varanda com colunas retorcidas e um telhado já bastante apodrecido. Elias perguntava-se por que ela dava tantos detalhes que pareciam inúteis, mas seguiu digitando o boletim de ocorrência.

Ela parou por um momento e depois afirmou que frequentava o culto do seu bairro. A sugestão de ir até a delegacia fora do pastor. Disse também que era uma pessoa sozinha, desde que o marido a deixou, mas que não era para ninguém sentir pena dela.

“Ele demorou até abrir a porta”, disse ela. “Não foi na varanda, ficou no escuro do interior e falou pra eu abrir o portão e subir a escadinha. Só mais perto percebi que havia algo de esquisito nele. Parecia ser um senhor de uns 50

anos, era meio calvo e barbudo, mas ao mesmo tempo tinha cara de criança. Acho que eram os olhos grandes e verdes que davam essa impressão. A pele dele era branca como papel. Ele vestia umas roupas formais, mas que pareciam velhas. Também usava uma muleta e foi só dentro da casa que eu percebi que ele tinha um problema na perna esquerda, que parecia ser menor que a direita.”

“Ele me convidou pra sentar em uma mesa de jantar empoeirada. Tinha algo de estranho no jeito de ele falar, um tom mecânico, as palavras escolhidas, não é como a gente fala hoje em dia. Olhei em volta da sala e tive uma sensação ruim. Os móveis eram muito velhos e escuros, o piso era de uma madeira que rangia e tinha uns quadros que quase não davam de enxergar as imagens. Era como se eu tivesse em outra época.”

“Antes de a gente discutir o trabalho, ele ficou parado me olhando. Acho que queria me analisar, me decifrar, não sei bem. Os olhos dele que já eram grandes, ficaram maiores. Ele me disse que se chamava Sr. Sant’anna e que a empregada dele, Zulmira, tinha falecido uns meses atrás. Ela trabalhou por muitos anos pra família, foi como uma mãe pra ele. Eu dei meus pêsames e disse que era difícil mesmo passar por uma perda. Ele perguntou algumas coisas da minha vida, se eu era casada e tinha filhos, o que achei meio intrometido, mas acabei respondendo por cima que não tinha ninguém, só minha mãe.”

“Ele disse então que não tinha muito dinheiro, mas que queria me contratar uma vez por semana pra limpar a casa, lavar a roupa e fazer comida pros dias seguintes. Me falou então o valor. Achei baixo pra tudo isso, mas acabei aceitando porque tava numa época ruim. Ele percebeu meu constrangimento, pediu desculpas e disse que a pensão tava cada vez mais curta. As contas e os impostos aumentavam todo ano e não sobrava quase nada do que ele recebia de pensão.”

“Eu disse que entendia e perguntei de onde ele tinha ouvido falar do meu

nome. Ele disse que não tinha, que confiava no Sr. Rogério, dono do mercadinho que fica na esquina, que ajudou ele com isso. Ele então se levantou e falou que ia mostrar a casa pra mim. No térreo, além da sala, tinha um banheiro, a cozinha, a área de serviço e um escritório.

“A cozinha era grande, mas pouco equipada, a geladeira era antiga, branca, da década de 70, o fogão de 6 bocas também. Tinha alguns armarinhos de madeira bem velhos e uma mesa de tampo azul claro. Ele abriu uma porta que dava pra uma área externa cheia de plantas. Tinha um tanque e vi que não tinha máquina de lavar. A gente voltou e foi no banheiro, que era grande e tinha um cheiro forte de mofo, provavelmente não via limpeza faz tempo. O escritório, me explicou, na verdade era onde ele vivia. Era uma sala grande e bonita, cheia de estantes com livros antigos, uma escrivaninha de época, um aparelho de som velho, um sofá e um criado mudo. A janela tinha um vitral e a luz colorida batia na escrivaninha. Ele me disse que não tinha mais condições de subir as escadas, então acabou se instalando ali. Tinha também umas roupas jogadas no canto e uma colcha embolada em cima do sofá. Eu perguntei pra ele sobre a parte de cima da casa e ele me disse que é onde ficavam os quartos dele e dos pais, mas que ele já não ia mais lá. Fiquei aliviada, pois seria menos serviço pra fazer.”

“Voltamos pra sala, sentamos de novo na mesa e ele perguntou se eu aceitava o trabalho. Eu, sem muita segurança, disse que sim. Ele também parecia um pouco desconfiado, mas senti que tava precisando.”

“Quando eu tava me preparando pra começar o serviço, ele me parou. Disse que hoje era só pra gente se conhecer. Eu achei esquisito, tava esperando já levar algum dinheiro pra casa, mas fazia sentido já que ele tinha um jeito meio antiquado. Acho que tinha medo de botar uma pessoa desconhecida dentro da casa, não culpo ele.”

“Um relógio tocou uma badaladas altas, o que me deu um susto de leve.

Combinamos que eu viria todas as quintas. A gente se despediu e eu saí de lá com o coração meio angustiado, mas sempre fico assim quando começa um trabalho novo.”

2.

Elias já não sabia muito bem o que incluir de informação no boletim de ocorrência. Deixava Thaís falar para ver onde a história ia dar. Como não havia mais ninguém na delegacia, ele não precisava se preocupar com o tempo. Além disso, havia algo nela que lhe agradava. Ela era obviamente evangélica, mas não parecia ser fanática. Tinha os cabelos escuros e bem finos amarrados, usava um vestido preto e discreto, pintava as unhas de uma cor neutra. Não era especialmente bonita, mas era charmosa. Elias concluiu que ela tinha uma elegância simples e parecia ter uma seriedade que não se via muito nas pessoas da idade dela. Curioso, falou para ela continuar.

“Uma semana depois voltei para fazer minha primeira diária. Ele me recebeu de manhã e mostrou onde ficavam os produtos de limpeza. Comecei pelo banheiro, depois a sala e cozinha. Foi trabalho pesado, a casa não era faxinada faz um bom tempo, provavelmente desde que a outra empregada faleceu. Ver os ambientes limpos, mais claros, com cheiro bom me dá uma sensação boa. Acho que por isso que eu ainda aguento esse trabalho, que paga tão mal.”

“Depois, fui pra cozinha e preparei a comida como ele tinha me explicado na semana anterior. Fiz um panelão com todos os legumes que tinha e cozinhei vários ovos. Tentei botar algum temperinho pra dar uma vida, mas não tinha muita coisa disponível, só sal e pimenta do reino. Fiquei meio incomodada quando ele disse que come a mesma coisa todos os dias, mas como tudo ali era diferente, não questionei. Depois de cozinhar, fui atrás de potes e fiz várias porções pros dias seguintes. Separei um prato pra mim e almocei rápido.”

“Só faltava um lugar, o escritório, onde ele vivia. Fiquei meio preocupada de invadir o espaço dele. A porta de vidro tava fechada, bati nela, ele demorou até dizer que eu podia entrar. Ele me disse que já tava saindo e que não ia me incomodar. Vi que ele se sentou na sala e começou a folhear um livro antigo. Peguei o balde, o esfregão, a vassoura e os produtos e comecei a faxinar. Às vezes eu espiava ele na sala. Parecia impaciente. Vi que tava invadindo o território dele, então tentei não demorar muito. Ao mesmo tempo, eu tinha vontade de ficar mais nesse escritório. Era o lugar mais bonito da casa. Tinha um ar de, não sei direito... era um lugar de respeito por causa dos livros, da escrivaninha antiga e do vitral.”

“Juntei as roupas dele, dobrei o lençol solto no sofá e fui pra sala. Disse que tinha terminado. Ele se levantou, meio mancando e deu uma boa olhada no escritório, acho que pra ver se eu tinha limpado direitinho. Ele então voltou e sem olhar nos meus olhos me agradeceu e disse que ia pegar o dinheiro. Não sei se nesse momento ele me menosprezava ou tinha vergonha de mim. Talvez os dois. Eu recebi o maço de notas e me despedi.”

“Saí de lá com o coração mais leve. Achei que ia ser pior. O serviço não ia ser tão pesado das próximas vezes e eu não me sentia mais tão mal com o coportamento estranho dele. Sempre tive dificuldade de me adaptar. Quando surge uma coisa nova na minha vida, fico um pouco ansiosa.”

“Quando cheguei em casa, já anoitecendo, passei a vassoura, fiz a janta e conversei com a mãe. Ela ficou contente que eu tinha conseguido um serviço. Ia ser bom tanto pra ela quanto pra mim, mas eu conhecia aquele olhar, dava pra ver que ela tava preocupada com o rumo que eu tava seguindo. Ela não queria que eu passasse pelo que ela passou.”

Thaís interrompeu o relato por um momento e disse que precisava tomar um copo d’água. Ele apontou para um bebedouro no canto da sala de recepção. Ela se levantou, colocando sua bolsa com cuidado sobre a cadeira e foi até lá.

Bebeu dois copos de plástico em pequenos goles, como se seu organismo fosse frágil e precisasse receber as coisas com cuidado. Tudo nela parecia ser simples e misterioso, pensou Elias.

3.

Depois de matar a sede, Thaís voltou a se sentar na frente do escrivanço, que pensou em falar para que ela fosse mais objetiva, mas se lembrou do pedido que ela tinha feito sobre ser paciente. A memória que ela tinha dos detalhes sobre aquele senhor e aquela casa deixavam Elias desconfiado. Era quase como se ela estivesse inventando da cabeça e não relatando algo que aconteceu.

“Bem, depois veio a segunda semana”, continuou Thaís. “Quando eu cheguei, ele me recebeu do mesmo jeito de antes e se trancou no escritório. Já tinha passado metade do dia, eu tinha limpado o banheiro e a sala e tava na cozinha me organizando para preparar a comida, quando ele apareceu. Veio do jeito dele e me olhou nos olhos como na primeira vez que a gente se encontrou. Ficou um tempo em silêncio, o que me deixou preocupada, até que disse que precisava de um favor. O tabaco que ele fumava tinha acabado. Geralmente ele pedia pro moço do mercadinho comprar pra ele na tabacaria quando ia trazer as compras pra cá, mas dessa vez terminou mais cedo. Eu disse que não tinha problema, que eu ia lá rapidinho. O rosto dele mudou levemente e ele voltou com umas notas amassadas. Eu limpei minhas mãos, peguei o dinheiro e saí.”

“Eu conhecia a tabacaria, mas nunca tinha entrado. Acho engraçado ainda existir uma tabacaria no nosso bairro. Entrei e pedi pela marca de fumo que ele me falou. O atendente, um senhor de boina e de óculos, olhou pra mim, riu e perguntou se eu tava ajudando o Sr. Sant’anna. Eu mexi a cabeça afirmando. Ele me disse que só alguém como ele fuma essa marca e que não fazia sentido uma moça jovem como eu ter esse hábito. Eu não quis dar muita corda e fui passando o dinheiro. Ele então me disse que o Sr. Sant’anna era uma pessoa complicada e que eu devia ter cuidado. Não gostei do comentário, mas não tive

vontade de perguntar o porquê. Peguei o pacote e saí rápido.”

“Quando voltei pra casa, entreguei o fumo para o Sr. Sant’anna, que parecia diferente. Ele me perguntou se eu poderia ficar responsável a partir de agora por comprar o tabaco quando acabasse e sem pensar muito eu disse que sim. Ele me agradeceu e, antes de voltar pra sua solidão, disse que a empregada anterior dele, a Zulmira, foi quem inicou ele nesse vício. Ela fumava cigarro na área externa e um dia, quando era adolescente, ele pediu para provar. Depois disso, descobriu os cachimbos antigos do pai e passou a usar um fumo um pouco mais forte. Ele disse que o tabaco ajudava a relaxar e me perguntou se eu já tinha fumado cachimbo. Eu disse que não e que não era um vício bem-visto na minha religião. Ele me perguntou qual era minha religião, eu falei que era da Assembleia de Deus. Ele disse que só conhecia de nome, que teve uma formação católica, mas que se afastou de Deus faz muito tempo. Eu não quis ser indelicada, nem gerar alguma discussão, então só mexi a cabeça. Como se tivesse dado um clique nele, ele se afastou e voltou pro escritório.”

“Depois de fazer a comida pra semana e lavar a roupa na mão, a coisa que eu menos gostava de fazer na casa do Sr. Sant’anna, fui pro escritório pra limpar o último cômodo que faltava.”

“Eu bati a porta de vidro, como fiz da última vez e ouvi a voz fina dele dizendo que eu podia entrar. Ele tava deitado no sofá, com um livro apoiado no peito e fumando o cachimbo. A sala era só fumaça. Eu tentei disfarçar, mas não consegui deixar de tossir. Ele se levantou, pediu desculpas e falou que já ia sair pra não me atrapalhar.”

“Passei um pano no chão, tirei o pó das estantes, joguei fora o lixo que tinha em cima da escrivaninha, recolhi as roupas e deixei a janela aberta pra arejar o ambiente. Enquanto eu fazia tudo isso, a curiosidade foi crescendo em mim. Ele tinha deixado o livro que tava lendo aberto de cabeça pra baixo no sofá. Eu me aproximei e vi de longe se ele tava me olhando da sala. Peguei o

livro e tentei entender o que ele tava lendo. Era de poesia e não tava em português, mas eu não sabia dizer que língua era, talvez fosse inglês. Eu virei uma página e vi que tinha uma gravura preto e branco. Aparecia uma altar com um homem apontando o dedo pra cima. Ao redor dele tinha outros homens e todos tinham asas, mas eu não sabia dizer se eles eram anjos ou demônios. Botei o livro na mesma posição, como se não tivesse mexido nele e terminei a faxina.”

“Fui pra sala e disse pra ele que tava tudo pronto. Ele parecia distraído, sentado na poltrona, mas se levantou com o dinheiro na mão e, antes de me entregar, perguntou se eu gostava de ler. Eu disse que nunca tinha lido muito, só o que era obrigada na escola e a Bíblia no culto.”

“Ele me perguntou se eu tinha curiosidade de conhecer literatura. Eu disse que sim, mesmo não sendo verdade, e fiquei em dúvida se ele tinha me visto espiar o livro. Ele então foi pro escritório e voltou rápido com um outro livro velho e pequeno. Entregou pra mim e disse pra ver se eu gostava. Eu peguei, sem ter certeza de que queria ler em casa e fiquei preocupada de talvez estragar uma coisa que parecia ser valiosa. Ele percebeu que eu hesitei e disse que eu não tinha que me preocupar, que podia fazer o que quisesse. Eu guardei o dinheiro na carteira, agradei e fui embora com o livro debaixo do braço.”

“Quando eu cheguei em casa, dei uma geral e fiquei um pouco com a minha mãe. Só depois disso foi que tirei um tempinho no nosso quarto. Eu conseguia ouvir o barulho da TV velha da sala quando peguei o livro do Sr. Sant’anna e olhei pra capa marrom e antiga que dizia: “Três Novelas”. Com certeza não era a mesma coisa que a gente via na televisão. Dei uma folheada e não sei bem por que escolhi a do meio. Li algumas páginas, mas me cansei. Era sobre um homem importante que tinha morrido, mas que ninguém mais respeitava. O livro contava a história dos últimos dias de agonia da vida dele, até onde consegui ler. Achei um pouco triste, mas me prometi ler pelo menos essa

história pra poder falar alguma coisa pro Sr. Sant'anna. Não gosto de pensar em morte, é muito dolorido pra mim. Não sei por que queria que eu lesse aquilo. Talvez fosse uma coisa que ele pensasse muito.”

4.

Elias começava a ficar impaciente e percebia que as informações que Thaís dava sobre a história não eram relevantes. Ele foi menos delicado pediu para que ela fosse sucinta. Ela olhou séria e reiterou que cada detalhe era importante. Resignado, ele pediu para ela continuar.

“Na terceira vez que eu fui fazer faxina, tudo parecia igual. A casa já não tava mais tão suja e eu já conhecia os cantos, então consegui fazer tudo com mais agilidade. Isso fez com que eu adiantasse o trabalho, fiz banheiro, sala e cozinhei antes do meio dia e deixei o escritório pro começo da tarde.”

“Bati a porta de vidro e tinha me preparado pra ver o Sr. Sant’anna pegando suas coisas e deixando o cômodo pra eu faxinar. Só que ele não fez isso. Ele se levantou do sofá e ficou zanzando pelo escritório enquanto eu limpava. Confesso que fiquei um pouco incomodada, mas ao mesmo tempo contente de ver que a gente tava quebrando o gelo. Enquanto eu tirava o pó dos livros, ele colocou uma música.

“Era de um disco de vinil antigo. Parecia um samba, mas era lento e triste. A letra falava de andar pelas sombras, de um amor perdido, de segredos guardados. Enquanto a música tocava, ele ficou olhando para janela e fumando o cachimbo. Ele me perguntou se eu gostei da canção e eu disse que sim, que era bonita, mesmo que eu não ouvisse muito música desse tipo. Ele disse que só ouvia coisas antigas e que os discos eram da mãe dele. Quando ele escutava um vinil era como se ela tivesse ali junto com ele.

“Ele nunca foi atrás de comprar discos novos e sabe que a tecnologia foi mudando, mas não quis acompanhar. A única coisa que precisava fazer era

comprar uma agulha nova quando a velha ficava gasta, mas era uma coisa cada vez mais difícil de se achar. Depois de um tempo falando sozinho, ele se lembrou que tava ali comigo e se desculpou, perguntando se a fumaça me incomodava. Sim, incomodava, mas eu disse que não.”

“Quando eu comecei a passar o pano no chão ele se deitou de novo no sofá e, do nada, começou a falar da vida dele. Disse pra mim que tinha muitas dores. Na perna e na coluna, sentiu isso a vida inteira, mas agora tava pior, devia ser da idade. Perguntei pra ele se ia em médico e ele falou que não, que não tinha dinheiro pra isso e que só saía em caso de emergência, porque era muito difícil pra ele se locomover. Enquanto isso, tapeava com analgésico e relaxante muscular, mas funcionava cada vez menos.”

“Ele me disse que não subia mais no segundo andar por causa disso, doía muito usar as escadas. E fumar ajudava a acalmar um pouco a dor e a ansiedade, assim como os livros. Eu falei que minha mãe tinha dores na coluna também e que já tomou muito remédio. E pra aproveitar também pra dizer que tava gostando do livro que ele me emprestou.”

“Depois que eu falei isso, alguma coisa aconteceu com ele. Foi mais um desses cliques. Ele fechou a cara e voltou pro estado de antes. Falou que ia sair do escritório pra não me atrapalhar, mesmo que eu já tivesse quase terminando. Eu não sei o que eu disse de errado, talvez ele tenha percebido que eu menti sobre o livro, já que eu não sei fazer isso direito. Será que alguém solitário como ele conseguia perceber tão bem assim os pensamentos dos outros? Fiquei meio chateada, mas tentei não ligar, era o jeito de ser dele e aos poucos a gente ia se entendendo.”

“Terminei o trabalho no meio da tarde e toquei o ombro dele, que tava lendo distraído na poltrona da sala. Sem olhar pra mim, ele tirou o maço de notas e me entregou. Desejei a ele uma boa semana e fui embora.”

“Em casa, fiz o de sempre e depois de terminar as tarefas fiquei um pouco

com a mãe. Não sei por que, mas por um instante eu parei de prestar a atenção e pensei em como era sua vida. Ela não saía mais de casa, como o Sr. Sant'anna, mas sempre foi uma pessoa muito ativa. Não sei se ela se sentia triste por estar muito velha, eu tinha vergonha de perguntar. Agora ela dependia quase que totalmente de mim e ficava o dia inteiro na frente da televisão vendo esses programas que só fazem mal pra gente. Infelizmente, é o que resta no final, acho que vai ser a mesma coisa comigo quando eu envelhecer.”

5.

“Na semana seguinte, achei que tudo ia ser parecido. Não esperei que o Sr. Sant’anna fosse falar comigo, mas me perguntava por que eu queria tanto a atenção dele, já que era só mais um serviço. Por algum motivo eu tinha curiosidade e queria conhecer mais ele.”

“Depois de limpar a casa, eu tava lavando as roupas acumuladas na área externa. Não era muita coisa, ele não tinha tantas roupas, só umas camisas sociais antigas, umas calças de linho, um pijama e um casaco de lã. Acho que ele não tomava muito banho, porque o cheiro delas era meio forte.”

“Esfregar roupa era a coisa que eu menos gostava de fazer. Que falta fazia uma máquina de lavar, eu precisa dar um jeito nisso. Cansada, eu tentava me distrair da tarefa olhando pros lados. Via aquele monte de vasos de plantas no chão e nas prateleiras.”

“Tomei um susto quando vi que o Sr. Sant’anna tava na soleira da porta me olhando. Perguntei há quanto tempo ele tava ali. Ele disse que não muito e me questionou se eu tinha plantas em casa. Eu disse que sim, mas não tantas quanto ele, só umas violetas e uma espada de São Jorge porque eu não tinha quintal.”

“Ele me disse que gostava muito de cuidar de plantas, uma coisa que ele tinha aprendido com a mãe. E que gostava muito de fazer chá. Tinha boldo, espinheira santa, hortelã, erva cidreira e vários outras que não lembro mais. O chá, junto com o fumo, os remédios e os livros era o que ajudava ele a relaxar. Eu tava terminando de esfregar e a gente ficou em silêncio por um momento. Foi então quando ele me convidou para tomar um chá depois de terminar o

serviço. Como só me faltava estender a roupa, eu aceitei.”

“Enquanto eu terminava ele tirou algumas folhas de um dos vasos e foi pra cozinha. Eu só ouvia o barulho de panela e louça batendo. Achei engraçada essa iniciativa em alguém tão parado quanto ele. Quando entrei na casa tudo já tava pronto. Ele tinha botado uma toalha amarela antiga na mesa, o bule e as xícaras de porcelana, que tinham uns desenhos azuis bonitos. Disse pra eu me sentar e me serviu.”

“O chá tinha cor vermelha. Perguntei de que era. Ele disse que era uma mistura e que pra eu descobrir só se um dos dois saísse morto dali. Eu ri, meio nervosa. Para mudar o assunto, perguntei como tavam as dores dele. Ele me disse que tavam como sempre, eram suas velhas companheiras e não tinha muito o que fazer.”

Ele então fez mais questionamentos sobre a minha vida. Perguntou da minha mãe, se a gente se dava bem, se era muito idosa, se ela ia bem de saúde. No início fiquei desconfiada, mas comecei a entender que era um interesse genuíno que ele começava a ter por mim. Perguntou sobre minha religião, tentei não entrar muito em detalhes, mas disse que frequentava o culto há não muito tempo e que ia mais pra me dar força. Acho que ele entendeu que tinha acontecido alguma coisa e eu mencionei a separação do meu marido, meio reticente. Ele percebeu que era um assunto delicado e parou por aí.”

“Depois disso, a gente ficou conversando por mais um tempo. Eu queria ir embora, mas não queria ser mal educada e tava feliz que ele tava se abrindo mais comigo. Era um pouco difícil de achar assunto, ele é uma pessoa que não sabe o que tá acontecendo fora da porta da casa, então tudo que ele tem pra falar é do passado, da família dele, dos livros e das músicas antigas. Eu tentei atualizar ele sobre o que sabia do que tava acontecendo no mundo, mas ele não parecia muito interessado. Então, o que mais acabei fazendo foi ouvir e acho que ele gostou disso.”

“Antes de terminar o chá, contudo, eu fiz uma proposta pra ele. Disse que seria bem melhor se eu levasse a roupa pra lavar na minha casa, porque tinha máquina. Eu trataria elas limpas e passadas na semana seguinte. Ele pensou, disse que poderia me remunerar um pouco mais por isso e acabou concordando, pro meu alívio. A gente foi até a sala, ele me pagou e demos com um aperto de mão demorado. Não me lembro muito bem, mas acho que foi a primeira vez que eu toquei nele.”

6.

“Na outra semana”, disse Thaís, “o Sr. Sant’anna tava de bom humor. Acho que a gente conseguiu quebrar um pouco do gelo. Eu limpei a parte debaixo da casa, como já vinha fazendo e acelerando a função porque já tinha pegado o macete de muita coisa. Na metade do dia, cheguei a perguntar pro Sr. Sant’anna se ele não queria que eu desse uma geral no andar de cima. Ele ficou meio incomodado e disse que não precisava, que tava tudo em ordem lá. Só imaginei o quanto de tempo que aqueles quartos tavam sem limpeza.”

“Faxinei banheiro e sala, fiz comida, passei pano na cozinha e mais uma vez só faltava o escritório. Antes de eu bater na porta de vidro ele abriu pra mim e disse pra eu ficar à vontade. Dessa vez, não tava fumando e ficava folheando um livro e me olhando. Aos poucos começou a fazer umas perguntas bobas, tipo como foi meu dia, como tava o tempo lá fora, se precisava repor algum produto de limpeza. Percebi que ele tava afim de conversa, então dei um pouco de atenção. Além de responder o que ele me perguntava, comecei a questionar também. Perguntei sobre o livro que ele tava lendo, como tavam as dores e há quanto tempo ele morava ali. Isso foi a brecha pra ele contar a história da vida dele. Fiquei com a impressão de que ele tava esperando essa oportunidade, só tava me testando antes pra saber se eu era de confiança.”

“Ele largou o livro que tava na mão e me disse que quando ele era criança pegou pólio em uma viagem que ele e os pais fizeram no norte do estado. Foi uma viagem de férias, ele tinha uns 10 anos, era pra ser um momento bom, mas quando eles voltaram pra casa ele passou mal e teve o diagnóstico. Era final da década de 70, a vacina não tinha chegado aqui ainda e a doença acabou se

agravando e afetando a perna esquerda dele. Ele ficou um tempo no hospital, se recuperou, mas ficou com sequelas. Pouco tempo depois, pra conter o surto, o governo estadual chamou um cientista e eles fizeram uma campanha de vacinação, mas já era tarde pra ele.”

“O Sr. Sant’anna, que na época era o Sant’anninha, deixou de ir na escola, de brincar com os amigos na rua e passou a ficar trancado em casa, com vergonha. A mãe protegia muito ele e provavelmente se sentia culpada, porque a ideia da viagem foi dela. A casa ficou triste, os pais não recebiam mais ninguém e saíam pouco também.”

Até que num dia, numa das poucas saídas que o pai e a mãe fizeram de noite, para ir a uma formatura da universidade, eles sofreram um acidente de carro em uma esquina. Foram internados no hospital por alguns dias, mas não sobreviveram. O Sr. Sant’anna ficou sozinho, sem ter parentes próximos pra adotar ele. O advogado da família acabou recebendo a guarda provisória e deu um jeito pra que ele conseguisse uma pensão vitalícia. Nessa época, a Zulmira já trabalhava na casa e foi feito um acordo para que ela recebesse um pouco mais e cuidasse dele. Foi assim por quase 40 anos. O advogado já morreu, quem cuida das coisas agora é o filho dele e mais recentemente foi Zulmira que partiu.”

“Quando terminou de falar, o Sr. Sant’anna parecia meio envergonhado. Foi como revelar um segredo proibido, por mais que a perna estivesse ali à mostra pra gente ver que tinha algo errado. Mas só de pensar que ele passou praticamente toda a vida trancado nessa casa, com medo de ser visto, me deu uma pena muito grande. Tentei comentar alguma coisa, mas não consegui. Acho que fiquei um pouco envergonhada também, especialmente pela pouca paciência e pelo julgamento que fiz dele algumas vezes.”

“Nesse momento passei a entender melhor o Sr. Sant’anna e por algum motivo, a pena que eu sentia se transformou em afeição. Pensei o quanto esse

homem não sofreu calado a vida toda e me peguei pensando um pouco em mim também. Fiquei feliz de ter começado a trabalhar com ele e tive a sensação de que eu poderia ajudar ele a ter uma vida menos ruim. Voltei pra casa com o dinheiro da diária e com algumas ideias na cabeça.”

7.

Elias continuava a escutar de maneira atenta. Não entendia por que Thaís fazia um relatório semanal das faxinas na casa desse senhor. Tentava conjecturar qual crime havia sido cometido. Teria o Sr. Sant'anna assediado ela? Ou simplesmente deixou de pagá-la? A primeira hipótese parecia ser a mais provável, mas por que ela não ia direto ao ponto? Thaís notou uma inquietude nele e por isso, continuou o relato.

“Na sexta semana, limpei a casa como das vezes anteriores. Já me afeiçoava a cada canto, como o espelho manchado do banheiro, o relógio barulhento da sala e a janela colorida do escritório. O trabalho, que tava combinado de ser uma diária inteira, eu conseguia fazer em umas 5 horas, mas eu acabava ficando um pouco mais pra conversar com o Sr. Sant'anna. Eu não me importava de gastar esse tempo, não tinha mais nada de importante pra fazer e de alguma maneira é como se essa atenção dada fizesse parte do serviço.”

“Falamos um pouco mais da infância dele e do carinho que ele tinha pela Dona Zulmira. Além de cuidar das tarefas da casa, ela era a única companhia que ele tinha. O Sr. Sant'anna falou que ela não tinha família também. Veio do interior do estado fugida, até hoje ele não sabia do que, e contou com a ajuda dos pais dele, os quais ela foi sempre muito grata, porque praticamente a tiraram da rua. Ela e o Sr. Sant'anna se davam muito bem. Dona Zulmira dizia que a única coisa que faltava era ele ter saído da barriga dela.”

“Alguns meses atrás, depois de acordar tarde, o Sr. Sant'anna achou Zulmira caída no chão da cozinha, desmaiada. Ele ligou para uma ambulância, que demorou mais de uma hora pra chegar e levou ela pro hospital. Ela ficou intubada por dois dias, mas não resistiu. Foi um AVC, explicaram depois. O Sr.

Sant'anna não chegou a ir no hospital, o advogado foi quem cuidou de tudo. Dona Zulmira foi cremada, com o pouco dinheiro que ele tinha guardado. As cinzas estão num vaso pequeno que ele deixa numa gaveta trancada do escritório.”

“Olhei no celular e vi que tava na minha hora. Antes de ir embora, peguei minha bolsa e entreguei uma caixa de remédios para o Sr. Sant'anna. Disse que eram da minha mãe e que ela não ia mais usar porque não sentia mais dores, mas ainda tavam na validade. Era um remédio mais forte e que ajudou ela bastante.”

“Ele olhou pra mim por muito tempo. Demorava pra entender esse tipo de reação que às vezes ele tinha. Dessa vez, acho que foi uma mistura de surpresa boa com gratidão. Aos poucos fui percebendo como pequenas coisas fazem uma diferença enorme pra ele. Dá pra entender, pra alguém que não sai de casa e é cheio de limitações, qualquer detalhe tem um impacto grande na vida.”

“Me despedi, saí de lá e antes de voltar pra casa a pé, parei mais uma vez na tabacaria, sem que o Sr. Sant'anna tivesse pedido. Quando entrei lá, percebi que o senhor dono da loja me olhava de um jeito esquisito. Ele me disse que eu virei a nova Zulmira e que não tomei o cuidado que ele tinha me alertado. Eu disse que tava tudo bem, que o Sr. Sant'anna era bom comigo e eu era boa com ele. Ele me disse que era justamente esse o problema. Tudo é muito delicado no caso do Sr. Sant'anna e eu podia acabar piorando sua situação.”

“Não respondi ao que ele disse e pedi uns cigarros avulsos. Sim, eu ia fumar, mesmo com o pastor proibindo. Acho que tinha me acostumado com a fumaça do cachimbo do Sr. Sant'anna e fiquei curiosa pra experimentar.”

“Cheguei em casa cansada. Coloquei as roupas do Sr. Sant'anna na nossa área de serviço e fui dar atenção pra mãe. Ela parou de ver a TV por alguns segundos e me olhou de um jeito que não gosto, como se tivesse pena. Pra não responder nada, fui direto pra cama.”

“Me fechei no quarto, peguei o livro que o Sr. Sant’anna me emprestou e continuei a história de onde tinha parado. Abri a janela e acendi um cigarro com um fósforo. A história ficou melhor e ainda mais triste. Contava os últimos meses da vida do homem, depois que ele caiu de uma escada e machucou o lado da barriga. Aos poucos ele foi piorando e as pessoas ao redor dele sentiam uma mistura de pena com desprezo. Só um empregado que ficou próximo, quando ele já tava acamado. Sofrendo, ele repassou a sua vida e não viu sentido nenhum nela. No final, ele aceitou a morte e tentou poupar os familiares da espera longa.”

“Quando tudo acabou, fechei o livro. Os cigarros tinham terminado também e a mãe continuava a ver TV. Fiquei com uma impressão ruim, de que a mesma coisa ia acontecer comigo no futuro. Eu sentia que a minha vida era vazia e nem Deus podia preencher esse vácuo. Eu rezava, lia a Bíblia, ouvia o pastor, mas isso tudo não me tocava de verdade, eu era uma farsa. Escovei os dentes e custei a dormir porque não conseguia parar de pensar em como tudo um dia ia terminar de um jeito ruim.”

“Acabei acordando mais tarde no dia seguinte e quando fui ver, as roupas do Sr. Sant’anna já tavam penduradas no varal pra secar. Falei pra mãe que não era pra fazer isso, mas ela me disse que queria se ocupar um pouco e que não se incomodava. Acho que é difícil de acabar com um hábito que veio de décadas de trabalho.”

8.

Antes de continuar o depoimento, Thaís fez uma pausa, como se pensasse em algo. Elias olhou para ela, esperando que algum crime finalmente fosse revelado, mas ela continuou o relato um tanto repetitivo de suas faxinas. Ele não gostava de abandonar o procedimento para lavrar o boletim de ocorrência, mas desistiu e se entregou a ouvir o que ela tinha para contar.

“Na semana seguinte, notei que o Sr. Sant’anna não ficava mais no escritório”, disse ela. “Onde eu tava limpando, ele me acompanhava. Achei um pouco esquisito, mas gostava de conversar com ele. Aos poucos o entendia e me identificava cada vez mais.”

“Ele queria que eu falasse mais de mim. Sempre tive dificuldade com isso, mas tentei, já que me sentia mais à vontade. Pra começar, ele perguntou da vida da minha mãe. Expliquei que ela foi faxineira também, até não conseguir mais trabalhar por causa das dores e da idade. Quando ela não pôde mais, tive que correr atrás, porque senão a gente ia passar fome. O pai morreu quando eu era criança, eu nem lembro direito dele, mas pelo menos deixou a casa pra gente. Minha vida foi sempre com a mãe, até que veio o Edson. Nesse momento pensei em parar de falar, nunca tinha falado com ninguém sobre isso. Mas me deixei levar e continuei.”

“Eu disse que fui casada por três anos com o Edson. Ele era pobre também, mas tinha um emprego de vendedor em loja de roupas, o que era o suficiente pra gente viver. E com os bicos que eu fazia, eu continuava ajudando a mãe. O problema é que o Edson era louco pra ter uma filha. Eu queria ter também, mas pra ele era a coisa mais importante. A gente tentou várias vezes, só que eu

não engravidava e a gente não sabia de qual dos dois era a culpa. Pagar tratamento caro tava fora da nossa realidade. Quando estávamos quase desistindo, deu certo. Eu ganhei barriga, a gente foi criando expectativa, até que num exame detectaram um problema no feto. O parto foi muito difícil e a bebê, infelizmente, não sobreviveu. Era uma menina, como o Edson queria, demos o nome de Carolina. A gente teve que comprar um caixãozinho e enterrar ela, foi o pior dia da minha vida. Ele ficou arrasado, eu também. Eu sentia que a culpa era minha, ou que pelo menos ele jogava a culpa em mim, que o meu corpo é que tinha algum problema. Por causa disso, o clima foi ficando ruim, a gente foi se distanciando até que ele conheceu uma outra moça, que começou a trabalhar com ele. Alguns meses depois que a gente brigou, eu saí da casa dele e voltei pra mãe. Nunca mais soube dele, só me disseram que a moça tava grávida. Faz 5 anos que isso aconteceu e nunca mais tive ninguém. Passei a ir no culto pra me consolar e tento só cuidar da minha vida e da minha mãe.”

“O Sr. Sant’anna ficou quieto o tempo todo. Só no final disse que sentia muito. Não tinha passado por uma coisa desse tipo, mas imaginava que era difícil, em especial pra uma mulher. Ele disse que não tinha nada de errado comigo e que era pra eu esquecer o Edson, ele não era digno de mim.”

“Eu fiquei meio constrangida, mas agradei. Então, pra sair do assunto, o Sr. Sant’anna me disse que o remédio que eu tinha dado funcionou muito bem e que ele quase não sentia mais dor. Isso fazia uma diferença enorme e ele tinha até vontade de sair um pouco de casa.”

“Ele se aproximou, me agradeceu, pegou minhas duas mãos e beijou elas. Disse que ele também era uma pessoa triste e que por isso a gente se entendia.”

“Eu fiquei meio sem reação com esse gesto, fiquei desconfiada de que ele pudesse estar sentindo algo por mim. Talvez fosse coisa da minha cabeça, pois sou meio arredia. Foi então que vi as horas e disse que precisava ir. Ele foi até o

pote no armário e tirou o dinheiro da minha diária, desejou uma boa semana pra mim e pra minha mãe e disse que me esperava nos próximos dias pra conversar um pouco mais.”

“Concordei sentindo um pouco de nervosismo. Como foi rápida essa mudança no Sr. Sant’anna. De alguém tão fechado pra já querendo ser íntimo. Não me incomodo em ser amiga dos meus patrões, até gosto, mas tinha um pouco de receio no que isso podia dar.”

9.

“Fui na semana seguinte com receio de que o Sr. Sant’anna fosse tentar alguma coisa comigo. Mas não foi isso que aconteceu. Ele tinha um ar triste. Eu comecei a faxinar a casa, iniciando pelo banheiro, como sempre faço, e depois de um tempo ele me disse pra parar. Falou que a casa não tava muito suja e que hoje eu não precisava trabalhar, mas que ele ia me pagar mesmo assim.”

“Achei esquisita essa atitude. Então, ele me pediu pra ir até o escritório. Lá, se aproximou de mim e me perguntou se eu queria ver um filme. Achei estranho, porque não tinha televisão na casa e duvido que a gente sairia para ir num cinema. Ele me disse que era um filme antigo, mas era curto, de uns dez minutos, eu não ia me aborrecer. Eu concordei, então ele foi até a um armário que nunca abri porque tava sempre chaveado e tirou uma máquina antiga. Ele me explicou que era um projetor de cinema caseiro. Eu nunca tinha visto uma coisa daquelas. Com a minha ajuda, ele colocou o projetor em cima da escrivaninha e mirou pra parede branca. Fechou a porta e as cortinas, ligou a máquina e se sentou no chão. Seguindo ele, eu fiz a mesma coisa.”

“O filme começou a rodar. A imagem era em preto e branco e tinha uns títulos do governo. Apareceu então umas cenas do campo, um homem de chapéu olhando pra uma paisagem. Pelo que entendi ele tava lembrando a infância dele. Tocava uma música antiga e bonita, que parecia um poema, e uma criança começou a brincar na fazenda, pulando cercas, caçando animais, brincando com os amigos de bola de gude, deitando na rede, uma infância que não cheguei a ter porque sou da cidade. Eu olhei rapidinho pro lado e tive a

sensação de que o Sr. Sant'anna tava emocionado. O filme continuou com mais algumas cenas parecidas e terminou com as crianças indo pra igreja e o homem de chapéu, que lembrava dessas coisas, indo embora do campo, cheio de nostalgia.”

“O Sr. Sant'anna se levantou e desligou o projetor. Depois abriu a porta e as cortinas e perguntou se eu tinha gostado. Eu disse que sim, que era bonito. Ele me disse que era um filme que ele via muito com o pai quando era pequeno. O pai era professor e trazia essas coisas pra ele ver, já que não podia mais sair de casa. Esse foi o único que sobrou e ele revia em todo seu aniversário. Não sabia por que fazia isso, mas virou um ritual, pra olhar pra trás e lembrar do que não existe mais.”

“Eu fiquei surpresa que era seu aniversário, ele não tinha me dito nada, se eu soubesse teria levado uma lembrancinha. Ele disse que não precisava e que aniversários deixavam ele assim. Eu perguntei se ele teve uma infância como a do filme. Ele me disse que não, que cresceu na cidade e que até brincava um pouco na rua e no colégio, mas que sempre foi reservado. A única vez que passou um tempo no campo foi nessa viagem pro norte do estado, quando ele pegou pólio. Ele disse que não sabia se ficava emocionado por assistir algo que perdeu ou por uma coisa que acabou com a vida dele.”

“Depois do que ele falou, tudo que consegui fazer foi dar um abraço. O Sr. Sant'anna era mais alto e quase me cobria. Acho que ele não ficava tão perto assim de alguém há muito tempo. Fiquei com uma pena tão grande. Ele sempre foi muito educado comigo e me agradeceu pelo carinho. Disse que era o melhor presente de aniversário que ele teve em muitos anos e que tava muito feliz de que agora eu fazia parte da vida dele.”

“A minha resistência cedeu naquele momento. O Sr. Sant'anna tinha o jeito dele, mas era uma pessoa muito boa e incompreendida. Eu me sentia bem perto dele e queria ajudar e ser ajudada. Desde o relacionamento com o Edson que eu

não sentia isso, o que me deixava meio confusa.”

“Na hora de ir embora, a gente voltou a ter o tratamento um pouco mais formal, afinal, eu ainda era a empregada dele. Ele me pagou, me agradeceu e disse que me esperava pra a próxima vez. Eu também esperava.”

10.

“Nas semanas seguintes, eu e o Sr. Sant’anna estávamos muito à vontade, acho que a gente começou a ter uma amizade verdadeira. Ele era muito querido, eu só ficava preocupada se ele ia fazer algo de desagradável, mas ele parecia uma pessoa inofensiva. Por causa dos olhos grandes, da perna deficiente, não tinha como ter medo dele.”

“Quando cheguei na casa, ele me recebeu com um beijo e disse que hoje de novo não era dia de faxina. Ele tava com umas roupas um pouco melhores do que normalmente usa e me disse que faziam 42 anos do falecimento dos pais. Por isso, ele queria visitar o cemitério, como fazia todo ano com Zulmira. Me perguntou se eu poderia levar ele até lá, a gente iria de táxi. Eu concordei, claro. Ele pediu então para eu usar o telefone fixo e chamar um carro na central. Alguns minutos depois, já tinha um parado na frente de casa. O Sr. Sant’anna levou nas mãos uma plantinha de sua coleção.”

“O trajeto da casa até o cemitério dava uns 15 minutos. Ele não parava de olhar pela janela aberta. Dizia que a cidade mudava cada vez mais rápido, ou que a memória dele já não tava muito boa. As únicas construções que ele tinha gosto de ver eram as igrejas antigas, o resto aborrecia ele. Era muito carro, muita gente, muito barulho.”

“O taxi entrou no cemitério e foi até onde dava, porque as vias eram estreitas. Então, o Sr. Sant’anna e eu tivemos que andar um pouco para chegar no túmulo dos pais dele. Foi difícil, a perna dele cansava e ele não tava acostumado com o calor.”

“O túmulo era grande, mas simples. Era todo preto e tinha 2 espaços. Os nomes e as datas tavam escritos em umas letras prateadas e o único detalhe era uma coroa de louros em metal em cima das informações do pai. Não tinha foto, não tinha cruz, só umas flores artificiais já bem velhas. O Sr. Sant’anna falou que precisava contratar alguém pra trocar as flores e limpar o jazigo, pois era Zulmira quem fazia isso. Eu disse que acharia alguém pra ele.”

“Ele então se sentou no túmulo e colocou a plantinha logo embaixo dos nomes. Deixou a muleta de lado e achei que ele ia começar a rezar, mas não foi o que aconteceu. Ele começou a conversar. Deu bom dia pro pai e pra mãe, contou como tava a casa, falou de mim e eu me afastei pra dar um pouco de privacidade.”

“Não sei quanto tempo ele ficou ali conversando, uma meia hora talvez. O que será que ele tinha pra falar com alguém que não existe mais há tanto tempo?”

“Caminhei um pouco e fiquei olhando as estátuas e as fotos dos outros túmulos. Tinha muita gente que morreu cedo, o que me deixou com pena. Andei sem rumo e quando vi que tava na parte dos jazigos das crianças. Me afastei.”

“De longe vi que o Sr. Sant’anna me chamava. Voltei pra lá e acompanhei ele devagar até a entrada do cemitério. Ele disse não entender porque se apegava às datas. Quarenta e dois anos. Era algo irracional, mas ajudava a seguir a vida. Daqui a pouco vai ser a vez dele, ele completou. Eu tentei desconversar e disse que faltava muito ainda. Ele riu, meio sem graça.”

“Pegamos o táxi de volta, chegamos em casa, almoçamos e ele me pagou como se eu tivesse feito a faxina. Pensei em recusar, mas não podia me dar a esse luxo. Ele viu que eu hesitei e me disse que a companhia que eu fazia pra ele tinha que ser valorizada. Ele então me perguntou se eu queria tomar um chá. Como era cedo ainda, aceitei.”

“Ele foi até a área externa, separou as folhas e preparou o ritual na cozinha, enquanto fiquei na sala olhando os móveis. Os quadros tavam mais visíveis agora, depois que eu comecei a passar um pano seco bem de leve. Num deles tinha uma paisagem de campo com um chalé, parecia ser na serra porque tinha araucárias. Não era um quadro bonito, era meio escuro, pesado, como se tivesse acontecido algo de ruim ali. Mas por algum motivo combinava com a casa do Sr. Sant’anna.”

“Ele chegou com o chá e eu ajudei ele a pôr a mesa. Quando foi me servir, senti que ele tocou na minha mão de uma maneira demorada. Não falei nada porque não sabia o que sentir com relação a isso.”

“A gente conversou um pouco mais sobre a vida, ele lembrou de umas histórias do pai e da mãe e disse que se sentia triste porque era cada vez mais difícil de manter uma memória clara deles. Tentando mudar pra um tom mais otimista, ele disse que talvez não devesse pensar tanto no passado e que tinha que se concentrar nas coisas boas que acontecem hoje com ele.”

“Um pouco pra despistar, eu peguei minha bolsa e tirei o livro que ele me emprestou. Expliquei que só tinha lido uma das histórias, a do meio, e que tinha achado difícil no começo, mas que gostei quando terminou. Me fez pensar na vida e na morte e se as coisas que a gente faz todos os dias realmente fazem sentido. O Sr. Sant’anna olhou pra mim e disse que refletia sobre as mesmas coisas. Ficou feliz que li essa história, que era uma das favoritas dele. Pela reação, tive a impressão de que passei em algum tipo de teste.”

“Eu disse que tinha gostado da leitura, mas que não queria mais nenhum livro por enquanto, porque tinha o dia cansativo e não tinha muita energia pra ler de noite. Ele entendeu, disse que não tinha problema e que mais pra frente, num período mais calmo a gente podia tentar de novo, porque era uma coisa que podia me ajudar muito.”

“Olhei as horas, agradei por tudo, mas disse que precisava ir. Peguei o dinheiro, fui embora mais cedo e tive um bom tempo pra dar atenção pra minha mãe.”

“Quando cheguei em casa, sem parar de olhar pra TV, ela fez uns comentários sobre as roupas do Sr. Sant’anna. Disse que são antigas, desbotadas. Eu não dei muito detalhes de como ele era, mas acho que foi o suficiente pra ela perceber que meu chefe era uma pessoa velha e meio esquisita. Nesse dia também eu acabei cedendo e concordando de que a mãe ficaria responsável por colocar a roupa na máquina e estender no varal. Não adiantava resistir. Além de ela ser teimosa, eu chegava cansada, então acabava sendo bom para nós duas.”

11.

“Na vez seguinte, era pra ser um dia normal de serviço, mas o Sr. Sant’anna veio com novidades. Sem cerimônia, ele perguntou pra mim se eu não poderia ficar responsável por tirar o dinheiro dele do banco e pagar as contas do mês. Era Zulmira que fazia isso, mas desde que ela faleceu, pedia pro Sr. Rogério, do mercadinho, a única pessoa que conhecia. Só que agora tinha eu, e ele confiava mais em mim, mesmo que a gente só se conhecesse há poucos meses. Eu fiquei em dúvida por ser algo tão sério, mas acabei aceitando. Ele disse que me remuneraria um pouquinho mais pra ter essa responsabilidade.”

“Era o dia do pagamento da pensão dele, então, antes da faxina, fui fazer essa volta no banco com o cartão e senha em mãos. Tentei não bisbilhotar, mas não me contive. Ele realmente tinha pouco dinheiro. A pensão não era grande coisa, claro que era mais do que eu ganhava, mas pra se manter nessa idade e com essa casa era pouco mesmo. E na poupança não tinha quase nada.”

“Paguei impostos, luz, telefone, água, comprei tabaco e fui no mercadinho. Falei rápido com o Sr. Rogério, que pareceu meio enciumado de mim, mas não liguei. O que sobrou do dinheiro, levei de volta pro Sr. Sant’anna. Ele me agradeceu e percebi mais uma vez como essas coisas que são tão pequenas pra gente fazem tanta diferença em uma pessoa cheia de limitações como ele.”

“O resto do dia fiz a limpeza de sempre, mas dessa vez um pouco mais ligeira, porque tinha menos tempo e já tava um pouca cansada. A casa também não tava muito suja e eu já passei daquela fase de agradar o patrão mostrando serviço. Enquanto eu preparava a comida da semana, o Sr. Sant’anna se sentou na mesa da cozinha e a gente conversou mais um pouco.”

“Ele disse que tava feliz de me ter na vida dele. Que no começo tinha medo de botar uma pessoa desconhecida na casa, mas que eu era uma pessoa muito boa e ele se sentia agradecido de tudo que eu fazia por ele. Eu disse que só tava fazendo meu trabalho. Ele me disse que não era só isso, que eu era diferente, especial.”

“Depois do almoço a gente tomou um chá. Ele falava, mas eu não conseguia prestar tanto a atenção. A verdade é que eu me sentia bem do lado dele. Ele precisava muito de mim, era gentil e eu não sabia muito bem o que sentir com relação a isso. Ele era muito mais velho, eu não achava ele bonito e muitas vezes ele era esquisito. Mas eu não conseguia negar, eu tava sentindo alguma coisa.”

“Já era meio da tarde e eu precisava ir. Ele insistiu pra que eu ficasse mais um pouco, mas eu tava cansada e queria ir pra casa. Ele falou que tinha uma coisa pra me dizer, mas que então deixava pra semana seguinte. Eu fiquei meio curiosa e preocupada, mas concordei.”

“A gente se levantou, ele me entregou o dinheiro e tive a sensação de que ele queria alguma coisa, porque ficou olhando pra mim parado, como às vezes fazia. Eu me senti meio envergonhada e saí rápido dali. Tava um dia quente na rua e eu me sentia meio suada por debaixo da roupa. Olhei pra trás e não tive certeza, mas acho que o Sr. Sant’anna olhava pra mim atrás de uma das janelas.”

“Tentei chegar logo em casa pra ficar com a mãe. Ela notou que eu tava esquisita, mas não falou nada. Depois de arrumar a casa e preparar a comida, fiquei um tempo na janela, olhando pra cidade lá embaixo. Eu conseguia ouvir o barulho da TV na sala e por isso levei um susto quando vi que ela tava do meu lado. Com a mão envelhecida, que parecia feita de papel amassado, ela fez um carinho na minha cabeça. Eu me senti criança de novo, ela fazia isso quando o pai ainda era vivo.”

”Foi o suficiente pra eu me acalmar. Não resolvia nada, mas era o que eu tava precisando. Eu peguei a mão dela, dei um beijo e a gente foi pra sala.

Vimos o final da novela e um filme até tarde da noite. Acabei carregando ela pra cama.”

12.

“Fui pra casa do Sr. Sant’anna na semana seguinte cheia de apreensão. Cheguei, comecei a limpeza, mas depois de um tempo, ele se aproximou e disse que queria falar comigo.”

“A gente se sentou na sala e sem nenhum rodeio ele disse que gostava de mim como mulher e que nunca tinha sentido isso antes. Não consegui reagir, fiquei calada, porque ter alguma coisa com um homem tão velho e do jeito dele parecia errado.”

“Ele não sabia flertar, às vezes falava umas coisas fora do lugar, mas era muito querido do jeito dele. Aos poucos, ele se aproximou de mim e tocou minha mão. Disse que não queria me assustar, nem estragar a relação que a gente já tinha, mas que precisava ser honesto. Eu falei que entendia, mas que precisava pensar e que preferia me concentrar no trabalho naquele momento. Ele concordou e a gente tomou a rotina das últimas semanas.

“Limpei os cômodos da casa e ele ficou no escritório lendo. Depois que ele falou aquelas coisas tudo ficou esquisito. Ele me espiava às vezes e eu fingia que não percebia. Quando chegou a hora de limpar o escritório, pedi pra ele sair. Ele pareceu decepcionado, mas disse que tudo bem.”

“Terminei a faxina e ele me convidou pro chá, eu recusei. Acho que nesse momento ele entendeu que eu não queria nada com ele, o que não era verdade, eu só tava bastante confusa e não conseguia responder aos pedidos tão rápido, então eu negava tudo que vinha na minha frente.”

“Tive a impressão de que o Sr. Sant’anna ficou triste. Devia ser difícil pra ele se abrir desse jeito e ser recusado. Me senti culpada, mas precisava de tempo pra pensar. Na sala, ele foi até o potinho onde deixa o dinheiro e me entregou

as notas. Disse que tinha um pouco mais do que o de sempre, era um presente. Agradei e entendi que aquilo era um sacrifício que ele fazia porque eu sabia o quanto ele ganhava. Pensei em recusar pra não me sentir comprada, mas na minha condição não tinha como.”

“A gente se aproximou e deu um abraço. Foi a primeira vez que senti de verdade, com calma, todo o corpo dele. Parecia frágil, doente, sem músculo. Mas ao contrário da ideia que se tem do que as mulheres gostam, essa fraqueza do Sr. Sant’anna me atraía. Eu sentia vontade de cuidar dele e de que ele cuidasse de mim.”

“Se naquele momento ele tivesse tentando me beijar, eu teria deixado. Mas ele era educado demais pra isso. A gente desfez o abraço, eu me afastei, peguei minha bolsa e a sacola com roupas sujas e saí da casa. Ele ficou na varanda me olhando andar pela rua. Tudo era muito esquisito, eu não entendia o que tava sentindo.”

“No final do dia, eu e a mãe já tínhamos jantado e ela foi pra sala ver TV. Eu fiquei parada na porta do quarto, com medo que ela descobrisse o que eu tava sentindo. Por ser muito religiosa, ela me criou de uma maneira rígida, o Edson foi meu único namorado.”

“Entrei na sala, fiquei do lado da poltrona velha e dei um beijo na testa dela. Disse que tive um dia cheio e que ia dormir porque tava cansada. Ela então me olhou, séria, e tirou um papel amassado do bolso. Me disse que tava nas roupas do Sr. Sant’anna e que não precisava falar mais nada. Eu não entendi, eu não sabia que bilhete era aquele. Ela me entregou e eu tentei ler. Tava em outra língua, era um poeminha, que guardo comigo até hoje:

Tu crois au marc de café
Aux présages, aux grands jeux
Moi je ne crois qu'en tes grands yeux

T.

“Nem eu, nem ela precisávamos entender aquela língua pra saber que era uma mensagem de amor. E o T no final não podia ser outra coisa. Me pergunto até agora se ele fez de propósito. Tentei desconversar com a mãe, mas não teve jeito. O estrago já tava feito.”

13.

“Na semana seguinte, tentei fingir normalidade. Cumprimentei de um jeito mais distante o Sr. Sant’anna e me concentrei em limpar a casa. Não posso negar que notei umas diferenças. Ele tinha se barbeado, parecia muito mais jovem, tentava não mancar, tava com roupas melhores. Enquanto eu limpava o banheiro e a sala, percebia olhares. Às vezes olhava de volta também.”

“Na cozinha, me concentrei em fazer a comida e esperei que ele viesse ficar do meu lado. Cheguei a ir algumas vezes na sala pra ver o que tava fazendo, mas ele tava bem concentrado na leitura de um livro no escritório. A verdade é que o clima entre a gente tava um pouco estranho e talvez fosse melhor assim, não ia acontecer nada, o que me deixava aliviada.”

“Então, chegou o momento de limpar o escritório. Ele não saiu dali. Me perguntou se incomodaria se ele colocasse uma música. Eu disse que não e ele foi até o aparelho de som. O som do vinil chiava baixinho, eu não conhecia a música, mas era bonita, romântica e triste, sobre um amor perdido.”

“Ele me perguntou se eu não queria me sentar um momentinho do lado dele. Eu pensei em dizer não, mas sentei. Ele se aproximou de mim e pegou minha mão. Disse novamente que gostava de mim, que não tinha muito pra me oferecer, mas que eu era muito importante pra ele e que ele não tinha mais ninguém no mundo. Eu fechei os olhos e fiquei emocionada, mas não quis demonstrar.”

“Quando eu percebi, o beijo já tinha acontecido. Ele tinha se inclinado na minha direção e aproximado a cabeça dele da minha. Foi um beijo simples, sem graça, de alguém que nunca tinha beijado na vida, mas alguma coisa acabou

despertando dentro de mim. Eu me inclinei de volta e começamos a ter intimidades.”

“Eu não vou entrar em detalhes do que aconteceu, tenho vergonha e não acho relevante falar. Acabamos passando o resto do dia no sofá. Era uma tarde abafada e as cortinas tavam fechadas. Senti que minha pressão tinha baixado e acabei dormindo.”

“Quando acordei, ele tava com os olhos fechados. Admirei o rosto sereno dele. Olhei pra baixo e por ele não estar todo vestido e eu pude ver pela primeira vez com calma a perna. Era uma coisa horrível. Além de ser menor, tinha a pele meio esquisita, enrugada, cheia de machucados, como se tivesse sido queimada. Era uma coisa que não parecia humana. O pé também era muito estranho, sem vida, com as unhas bem longas e amareladas. Eu não conseguia parar de olhar pra aquilo, mesmo achando repugnante.”

“Ele se mexeu um pouco e eu tive uma sensação ruim nesse momento, de que tinha feito uma coisa muito errada. Olhei pro rosto dormido dele e agora parecia o de uma pessoa morta, feita de cera. Eu não aguentei. Me levantei com cuidado e sem fazer barulho, me vesti e fui embora sem o dinheiro.”

“No caminho pra casa, passei na frente da tabacaria. Vi que o dono da loja me olhava lá de dentro, como se soubesse de tudo. Eu me sentia mal e tava com medo de voltar pra casa. Parei um pouco numa esquina pra pensar no que fazer e tirei um espelhinho da bolsa pra ver se tava muito desarrumada. Eu não me reconheci na imagem. Eu me perguntava por que tinha feito aquilo.”

“Cheguei em casa e tentei fazer um teatro com a minha mãe, mas não consegui aguentar por muito tempo. Ela me perguntou por que eu demorei e eu desconversei falando que tive que fazer compras pro Sr. Sant’anna. Ela respondeu dizendo que esse Sr. Sant’anna tava dando muito trabalho. Saí sem falar nada e fui tomar um banho correndo. Tentei tirar todo o resquício que eu ainda sentia daquela tarde. Eu esfregava, mas não adiantava.”

”Quando deitei na cama, a mãe tava virada pra parede e parecia dormir. Do nada, ela perguntou se eu sabia o que tava fazendo. Eu fiquei em silêncio. Ela me disse então para eu trocar de emprego. Eu respondi que não tinha condições, que não tava fácil de arrumar serviço e que a gente ia passar fome se eu saísse.”

”Depois disso ficamos num silêncio tenso. Notei que ela tava tapada com a coberta, mas deixou uma das pernas de fora, parecia de propósito. Apaguei a luz o mais rápido que pude e me virei pro outro lado.”

14.

Elias estava concentrando no relato de Thaís e não percebeu que outra pessoa tinha entrado na delegacia. Era uma mulher de uns 40 anos, carregando sacolas e com uma criança estridente ao lado. Estava irritada com a demora em ser atendida e foi até a mesa onde estavam os dois.

Ela disse que queria registrar um boletim de ocorrência porque tinham roubado sua carteira enquanto fazia compras na rua. Ele pensou em acordar o investigador, mas achou que ele ia ficar irritado de fazer esse trabalho menor. Elias falou para a senhora que estava colhendo um depoimento e que ela poderia esperar ou fazer o boletim de ocorrência pela internet. A mulher não gostou da resposta, mas não continuou a discussão. Ela se sentou de volta na sala de recepção e começou a mexer em seu celular, tentando resolver sozinha o problema. A verdade, é que Elias não queria parar de dar atenção a Thaís, que continuou o relato.

“Na semana seguinte não fui trabalhar. A situação ficou muito esquisita e achei que era melhor deixar de faxinar a casa do Sr. Sant’anna. Ele, claro, me ligou. Tivemos uma conversa constrangedora, que tentei encurtar. Ele me pediu desculpas, eu disse que ele não tinha motivo pra isso. Ele insistiu que eu continuasse a trabalhar pra ele e que as coisas seriam como antes. Eu custei a aceitar, mas como tava difícil de achar trabalho acabei cedendo.”

“Alguns dias depois eu tava lá de novo. Óbvio que as coisas tavam ruins. O Sr. Sant’anna tentou, mas não conseguia olhar direito pra mim. A gente ficou alguns minutos parados um de frente pro outro na sala. Parecia uma eternidade. Ele quebrou o silêncio dizendo que o dinheiro do dia de hoje e o da semana

passada tavam na mesa e que eu podia pegar quando terminasse. Isso já deu o tom de como seria o dia. Não teria chá, não teria conversa, ele com certeza ia me evitar.”

“Ele foi pro escritório e eu comecei a fazer a faxina. Não tinha barulho nenhum. Era como se eu limpasse uma casa morta. O Sr. Sant’anna, que já era uma figura discreta, agora parecia sumir de vez. Eu me sentia mal de fazer parte disso e tava cogitando desistir do serviço mesmo.”

“Depois de limpar o banheiro e a sala, fui preparar a comida. Eu chamei da cozinha, mas ele não apareceu, então almocei sozinha. Guardei os potes pra semana na geladeira e fiquei pensando quando que ia comer, um homem tão metódico como ele.”

“Quando chegou a hora de limpar o escritório, ele saiu sem dizer nada. Me senti tão mal. Acabei ficando ali mais tempo do que o normal. Pensei que podia ser minha última vez, então foi como uma despedida. Os livros, a escrivaninha antiga, o vitral, as roupas velhas do Sr. Sant’anna. Eu sei que não devia dar tanta importância pra relação que tinha com esse homem, ele era só mais um patrão, mas a gente passou do limite.”

“Terminei a faxina e fui pra sala. Fiquei algum tempo ali esperando que ele aparecesse. Não sei onde podia estar. Talvez na área externa, fumando, se escondendo de mim como uma criança teimosa.”

“Pensei em ir até lá, confrontar ele, dizer toda a verdade, que tenho medo, que tenho nojo, mas tenho carinho também e que me preocupo com ele. Mas não fui, sou covarde, talvez tão covarde quanto ele. De alguma maneira, acho que a gente se merece.”

“Fui até a mesa, peguei o dinheiro das duas semanas, coloquei na bolsa e falei alto que já tava indo e que desejava uma boa semana. Ele não respondeu.”

“Saí dali me sentindo muito mal. A impressão que eu tinha é que mais uma vez a culpa era minha e que eu não servia pra estar junto das pessoas.”

15.

“Na semana seguinte as coisas pareciam iguais, mas o Sr. Sant’anna tava bem mais deprimido. Continuava não fazendo contato visual, mal falava e evitava ficar no mesmo cômodo. A situação ficou insustentável.”

“Eu me senti muito mal, tentei pedir desculpas. Ele ouvia, mas não reagia. Eu disse que gostava dele, mas que a gente era muito diferente e eu não me sentia com vontade de começar uma relação.”

“Ele disse que me entendia, mas sabia que eu tava tentando só ser educada. Eu não queria partir o coração desse homem, a vida dele já foi muito ruim e eu me sentia muito péssima colaborando mais pra infelicidade dele.”

“Foi horrível faxinar com essas coisas na cabeça. Mais uma vez tinha um silêncio grande na casa. Abri o armário do banheiro e vi a escova de dentes do Sr. Sant’anna. Devia fazer anos que ele não trocava, tava escura e toda gasta. Eu não sei por que, mas aquilo me deu uma tristeza. Foi difícil fazer tudo que eu tinha combinado. Acabou até que foi melhor o Sr. Sant’anna estar me evitando, assim baixei a cabeça e toquei o serviço.”

“No fim do dia, fui pra sala. Ele apareceu não sei da onde e, pra minha surpresa, me convidou pra um chá. Eu aceitei, porque achei que ia ser o nosso último. Ele fez os preparos de sempre, me serviu do jeito educado e quando se sentou disse que tinha uma proposta pra me fazer.”

“Esse anúncio me deixou preocupada. O tom de voz dele tinha mudado, tava mais leve, parecia que tinha descarregado alguma coisa das costas, mas quando pronunciou aquelas palavras eu fiquei muito mal. Elas me marcaram tanto que me lembro de cor até hoje.”

“Srta. Thaís, tenho um último pedido para lhe fazer. Os breves momentos que passamos foram os mais felizes da minha vida. Por saber que nunca mais terei isso, o pouco de vontade que havia dentro de mim deixou de existir. Você deve ir embora, com razão, e eu ficarei com as memórias de algo que mal aconteceu. Peço, por isso, por gesto da nossa amizade, que você me ajude, que me assista no ato definitivo. Eu já planejei tudo, só preciso de alguém que me auxilie para que eu não me arrependa no último momento. Partir ao seu lado seria um consolo. Eu a recompensarei, obviamente. Ligarei para o meu advogado e deixarei em meu testamento a casa para a senhora, que poderá vendê-la e garantir uma melhora na sua condição de vida. Creio que seja a melhor solução para todos.”

“Fiquei sem reação. Ele me disse que eu poderia pensar e que semana que vem a gente resolveria o assunto. Aquilo pra mim era muito errado, era contra o que eu acredito e pelo que sabia, era crime. Eu saí quase que revoltada dali. Acho que o Sr. Sant’anna percebeu como fiquei perturbada. Ele me entregou o pagamento do dia, disse para eu ir pra casa e que a gente conversaria da próxima vez, como se fosse uma coisa qualquer.”

“Saí dali e andei pela rua, desorientada. Eu suava muito com o calor. Todo mundo que passava me olhava de um jeito estranho. Andei com pressa, pra chegar logo em casa e me recuperar dessa tontura que sentia.”

“Quando a mãe me recebeu, viu que eu não tava bem. Ela me pôs pra sentar na cozinha e me deu um copo d’água. Tirou minha blusa encharcada de suor e eu fiquei só de sutiã na frente dela, o que me deu vergonha. Ela me olhou por um tempo e perguntou se eu não queria falar o que tava acontecendo. Eu fiquei calada. Ela disse pra eu tomar cuidado, porque da última vez, com o Edson, eu tinha ficado muito mal. Eu só concordei com a cabeça. Em seguida, falou que eu era inteligente e que ia sair dessa, confiava em mim. Eu olhei pra ela e disse *sim*, sem saber com o que tava concordando.”

16.

“A semana passou rápida e tinha chegado o dia de faxina na casa do Sr. Sant’anna. Quando acordei, ainda tava escuro e a mãe dormia do meu lado. Eu só sabia que ela tava viva por causa do chiado que fazia quando respirava. Eu me levantei, esquentei um café e me sentei na cozinha, ainda escura. Sentia o cheiro da bebida e ouvia os pássaros na rua. Eu esperava chegar em alguma resposta, queria analisar a situação, mas isso não aconteceu, eu me sentia como um robô, uma coisa não-viva. Me levantei, tomei um banho, deixei o café da mãe pronto e saí pro trabalho.”

“O Sr. Sant’anna me recebeu como se fosse só mais um dia. A gente se sentou na sala e ele me perguntou se eu tinha me decidido. Eu disse que era contra minha religião e que era uma coisa horrível de se fazer. Ele me disse para eu ter piedade dele, coisa que a minha igreja devia pregar. Ele disse também que há muito tempo pensa nisso, que não é culpa minha, foi só um ponto final que ele tava esperando. Ele falou com o advogado, tava tudo pronto e ele tinha também escrito uma carta explicando o nosso trato e tirando qualquer chance de culpa sobre mim. Bastava eu concordar, ele fazer uma ligação rápida e a gente se preparar. Eu fiquei em silêncio por um tempo. Lembro até hoje do chão de madeira, do tecido quente da poltrona, do barulho de moto que passou naquele momento na rua. Eu disse *sim*.”

“O rosto do Sr. Sant’anna teve uma mudança bem suave, que eu percebi só porque já convivia com ele faz uns meses. Ele se levantou, alcançou a muleta e disse pra eu ir até a cozinha pegar a jarra de água e as caixas de remédio que ele tinha separado. Quando cheguei lá, entendi que ele tinha deixado de tomar os

medicamentos pra dor nas últimas semanas tendo isso em vista.”

“Eu voltei pra sala segurando a bandeja com a jarra, um copo e os remédios e ele me disse para eu levar pro andar de cima, pro quarto dele. Eu entendi o que ele falou, mas demorei pra processar. O andar de cima parecia um lugar proibido, então não fazia sentido. Meio que no automático, subi as escadas devagar e abri a primeira porta que apareceu.”

“Era um quarto de criança. Tinha um armário de madeira muito velho, uma cômoda com brinquedos, uma cama de solteiro com uma colcha amarelada do tempo e uma camada grossa de pó que cobria todas as superfícies.”

Eu afastei os brinquedos da cômoda e coloquei a bandeja ali. Tirei a roupa antiga e deixei a cama nua. Depois desci e entendi que eu tinha que ajudar o Sr. Sant’anna a subir.”

“Abraçando ele, percorremos devagar as escadas. Ele se cansou, tivemos que parar, mas logo chegamos. Ele entrou no quarto com uma cara de espanto. Senti que ele reconhecia as coisas que tinham ali e que há tempos estavam esquecidas. Ele se aproximou da cômoda e pegou uma caixinha de madeira. Eu disse que ia buscar um travesseiro.”

“Quando voltei, tava na mesma posição, mexendo na caixinha. Ele apertou um botão e saiu um som dela, uma música triste e discreta que eu já tinha ouvido em algum momento no aparelho de som do escritório. Imaginei que aquelas notas deviam trazer muitas recordações pra ele.”

“Vendo isso, quis desistir. Tudo dele ia se apagar, me senti muito mal. Tentei imaginar o que ele tava pensando, como seria ter consciência dos últimos momentos da sua vida.”

“Ele olhou pra mim e com um sorriso me agradeceu pelo travesseiro. Se acomodou de um jeito entre sentado e deitado e disse que a gente podia começar. Falou pra eu tirar todos os comprimidos da caixa e servir um copo cheio d’água. Como era muito remédio, acabei demorando. Quando terminei,

coloquei a bandeja do lado dele na cama. Ele me disse para passar um punhado de comprimidos e o copo. Começou a tomar de um em um, dando uns goles de água às vezes. Depois, como se tivesse perdido o pudor, começou a tomar os remédios em quantidades maiores, pegando punhados, de um jeito meio nervoso. Ele me pedia toda hora mais água e mais rémedio. Eu não conseguia mais acompanhar.”

“Quando acabou, eu botei a bandeja de volta na cômoda e me sentei do lado de novo. Ele parecia normal, só dizia que se sentia um pouco enjoado e sonolento. Peguei na mão dele e senti a pele macia e pálida. Depois de uns minutos, as piscadas foram ficando mais longas. Ele segurava a caixinha de música com a outra mão e ligava ela às vezes. Como se tivesse dado conta de que o momento tava chegando, me disse que não queria ser enterrado, não queria sair jamais da casa. Ele me agradeceu por tudo e disse que tirando seus pais e a Zulmira eu tinha sido a única pessoa que ele tinha amado. Eu dei um beijo na testa dele e me segurei.”

“O quarto tava escuro e fazia muito calor. O Sr. Sant’anna tinha os olhos fechados, mas ainda respirava. Eu me levantei e abri a janela, com custo, porque tava enferrujada. Entrou um vento quente e a luz do sol, que revelou as paredes tomadas pelo mofo. Quando voltei pra cama, vi que começava a sair uma espuma da boca dele e que começava a ter uns espasmos. Fiquei muito assustada e não aguentei. Me levantei, peguei na mão do Sr. Sant’anna por uma última vez e saí rápido dali.”

“Não lembro como descí as escadas, nem como atravessei a sala. Se eu conseguisse levantar um pouco a cabeça na hora, teria dado uma última olhada no lugar, já que eu não pensava em ficar com a casa, como queria o Sr. Sant’anna. Quando saí, só cuidei pra que a porta da frente ficasse fechada, mas não fosse chaveada.”

“Quando cheguei em casa, minha mãe vendo que eu tava pálida e assustada, me perguntou o que tinha acontecido. Sem conseguir falar direito, improvisei uma história sobre ter passado por um acidente de carro. Ela me olhou de um jeito duro, como se soubesse de tudo, mas tivesse pudor de revelar e chegou perto de mim. Mexeu na gola de sua blusa e tirou uma correntinha muito antiga que sempre usou no pescoço e que nunca me explicou de onde veio, mas que agora entendo. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela colocou a jóia em mim. Em seguida tocou a mão no meu ombro, segura de que eu ia dar um jeito em tudo, e foi pro quarto.

“Da janela da sala, olhando a cidade lá embaixo, tirei a correntinha do meu pescoço e examinei a medalha. Em umas das faces tinha o perfil de uma mulher e na outra uma inscrição: *Para S.*, a primeira letra do nome da minha mãe. Tendo certeza de que não foi um presente do meu pai, cheguei a conclusão de que eu e ela somos parte de uma raça de infelizes.”

17.

Thaís parou de falar e Elias entendeu que o relato tinha terminado. Ele pousou as mãos no teclado e pensou o que fazer com o que foi dito.

Ele perguntou se ela tinha consciência de que se o que foi contado fosse verdade, a atitude dela poderia ser tipificada como crime, já que auxílio ao suicídio é um delito previsto no artigo 122 do código penal e prevê de 2 a 6 anos de reclusão. Ela citou a carta que o Sr. Sant'anna escreveu para o advogado, mas Elias disse que isso só poderia ser analisando em julgamento. Ela pareceu não entender. Ele então perguntou pelo endereço da casa do Sr. Sant'anna. Thaís pegou na bolsa um pedaço de papel amassado, o mesmo com o endereço, dia e horário do primeiro encontro e entregou para ele.

Elias entrou em contato com o seu delegado, que por sua vez acionou a delegacia central para mandar uma equipe ir até a casa. Ele orientou para que ela esperasse até que a diligência fosse concluída.

Depois de alguns minutos do contato, os policiais pararam na frente da construção antiga e não tiveram dificuldades para entrar, pois a porta estava destrancada. Seguindo as orientações de Thaís, chegaram no quarto do andar de cima. Quando entraram, o cheiro era forte, quase insuportável.

Lá jaziam os restos mortais do Sr. Sant'anna. Havia um líquido escuro que escorria pela cama e muitos insetos voavam ao redor do seu corpo. Um dos policiais não aguentou e vomitou ao lado da cama. Foi acionada a Polícia Científica, que chegou depois de uma hora. Enquanto isso, os agentes da Polícia Civil tiravam fotos do lugar e colhiam evidências para o processo contra Thaís.

Na delegacia, Elias explicou quais seriam os próximos passos e sugeriu para Thaís um encaminhamento para a defensoria pública. Nesse momento o delegado Dirceu Mathias chegou e conversou de maneira breve e reservada com o escrivão sobre o caso. Elias considerou a hipótese de uma prisão preventiva, mas tomado pelas impressões que colheu e por ela não ter antecedentes criminais, descartou a opção. O delegado concordou.

Thaís segurava o choro. Disse que tudo foi feito por piedade, que não queria a casa e que tinha medo de ir para a prisão por deixar sua mãe sozinha. Elias sentiu pena dela, mas não falou nada e tentou manter um distanciamento profissional que lhe parecia impossível no momento.

Passado um tempo, Thaís se acalmou, mas ainda estava anestesiada da situação. Sem conseguir fazer contato visual, Elias perguntou por que ela sentiu necessidade de relatar todo o período que conviveu com o Sr. Sant'anna, ao invés de apenas dizer que tinha prestado auxílio ao seu suicídio.

Thaís disse que precisava contar para que tudo fizesse sentido. Não para a polícia, mas para ela. Precisava sentir que aquilo não foi um sonho que aconteceu em um lugar fora do tempo. Desde o ocorrido, ela passava a ter dúvidas do que era real. Por isso, pediu conselho ao pastor, que sugeriu que ela confessasse para a polícia o que tanto a atormentava.

Thaís disse também que queria fazer jus à existência do Sr. Sant'anna. Queria reviver os momentos felizes passados juntos e afirmar que ele não era apenas um personagem obscuro esquecido em uma casa abandonada, mas uma pessoa digna que passou pela vida à sua maneira. Alguém precisava saber disso, nem que fosse apenas ele, Elias, o escrivão da delegacia do bairro.

Escondendo a emoção, Elias se levantou, cumprimentou Thaís e disse que o caso agora ficaria sob a responsabilidade do delegado Dirceu Mathias. Desejou-lhe boa sorte, arrumou suas coisas e saiu da delegacia. Antes, contudo,

olhou uma última vez para o perfil daquela moça e pensou no que cada vida pode guardar de desejo e dor.

Enquanto isso, na casa, no momento em que os técnicos da Polícia Científica removiam os restos mortais do Sr. Sant'anna, uma mancha escura da forma do seu corpo ficou gravada no colchão da cama.

Nesse mesmo instante, a caxinha de música que estava ao lado do que um dia foi o Sr. Sant'anna escorregou e caiu no chão do quarto.

Esse foi o último som que se ouviu ali.